



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60
anos

Conto

Texto recebido em: 28 jan. 2022. Aprovado em: 15 fev. 2022.

OLIVEIRA, Francisco das Chagas de. O peixe aflito. *Estudos Universitários*: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 39, n. 1, p. 337-342, jan./jun., 2022.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2022.253086>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O Peixe Aflito

Francisco das Chagas de Oliveira

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Professor de História; Mestrando em Sociologia

E-mail: oliveira.francisco.c@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2544-7426>

 <http://lattes.cnpq.br/7802292665143706>

O horizonte era uma navalha. E lá longe, no limite de onde a vista dava conta, ele brotou sem se cortar no fio. Ele, uma enguia que ascendeu da própria terra, do solo absurdamente quente e trêmulo que explodia em claridade, queimando-lhe os olhos. Sagaz em seu propósito de deixar o escuro, nasceu ali de qualquer jeito, ainda não existindo. Uma miragem concreta, real, assim como a sombra debaixo do chapéu do retirante.

Com a boca entreaberta em meia-lua para baixo e os olhos vidrados em seu destino vazio, andava a passos firmes com apenas uma das mãos a conferir-lhe equilíbrio; a outra segurava sua calça, que, folgada demais e suja de terra, teimava em cair. Com os cabelos quebrados pela poeira dos dias sem banho, em sua mais franca obsessão ele marchava um caminhar tão firme, com tanta energia e rapidez, que, à medida que se aproximava, era possível ouvir o baque dos seus calcanhares no chão. TUC, TUC, TUC! Não havia cansaço capaz de abater-lhe.

A graça de Deus é com todos, murmurei em solidariedade. Na velocidade de um raio, ele saiu de trás da navalha para estar ali na rua, de frente à minha varanda.

Sob a luz do sol da fome, sua cabeça saturava. Ele era o ensaio do calafrio mais medonho que poderia ir de encontro a qualquer um, mas, por ser apenas ensaio, passava invisível detrás das cortinas transparentes da rua. Aos olhos nus de quem não sabe o que são as noites de julho com estômago repleto apenas d'água, ele poderia ser, se alcançasse, apenas um fragmento desabotoado da exaustão de outro mundo. A fome.

Eu tinha o que comer, Deus é generoso. A fartura de comida e opulência da minha casa me envergonhava diante da solidez daquele homem. Ele era a Verdade nua saindo do poço com seu chicote. Incapaz de me açoitar daquela distância, resignava-se atônito.

Aquelas rugas profundas não estavam marcadas em minha testa e minha boca não estava aberta como a de um peixe já cansado de tanto buscar oxigênio onde não há. Meus olhos não eram profundos o bastante para denunciar qualquer sofrimento ou privação material e eu não sentia dentro de minhas roupas nenhum desconforto. E o mais importante: eu tinha sapatos. Sapatos que falavam outra língua. Meu Deus... é justo?

Antes que pudesse buscar em mim qualquer resposta, ele fitou-me fixo com seus olhos cinzentos. Da varanda da minha casa, eu tentava jogá-lo de volta ao fundo do poço com os meus olhos grelados. Ele se recusava a voltar. Por um longo tempo, aquele fim de tarde indefiniu-se como se nós dois habitássemos ali a dimensão do infinito, talvez. Aquele homem vasculhou cada uma das lixeiras da rua em vão, mas ganhara a batalha contra mim.

O sol desapareceu atrás da grande navalha e o Peixe Aflito sumiu na noite cega; no entanto, continuava fora do poço, empunhando seu chicote. Eu podia sentir.

Voltei para dentro de casa. Não era a primeira vez que eu via alguém com fome, claro. Em tempos de fardados que usam terno e gravata no poder não é tão raro. Aliás, raro nunca foi, mas a crueza e a profundidade daquele homem me engoliram completamente; algo na vastidão do cosmo alimentou-se de mim naquele dia, então tentei me sentir menos culpado. Mentira.

Na sala, o jantar me aguardava. Mesa posta impecavelmente por Rita, minha diarista. Hoje eu comeria pintado assado ao forno com batatas grelhadas. Ao ver o peixe na travessa, eu ri um riso estranhamente metonímico.

Posso ir embora ou o senhor quer mais alguma coisa? Não me chame de senhor, você sabe que não há necessidade. Você pode ir. Pode deixar que eu me viro com a bagunça que fizer. Eu preciso. Ela deu de ombros e me deixou sozinho com a casa. Rita era sempre muito pontual. Um exemplo.

Comi, saciei minha fome e não senti frio nem medo. Tomei suco, mas se quisesse poderia ter tomado um bom vinho branco da minha adega. Minha casa era quente, meu lar era abençoado por Deus. Há dias melhores, dias piores, e há apenas dias, mas todos eles pertencem a mim, pensei já durante a sobremesa. Mousse de maracujá. Rita tinha mãos maravilhosas.

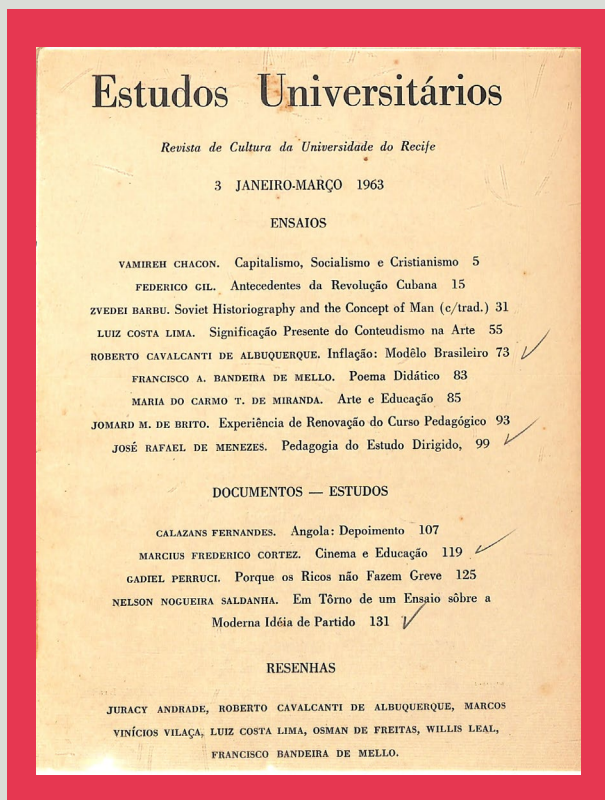
Suspirando aliviado pela providência divina que me fora reservada, lavi a louça em silêncio. Depois, enquanto saboreava um bombom de licor, recostei a cabeça no sofá e ela pendeu para trás. Olhei para o quadro da Santa Ceia que havia na parede e notei que, sem pressa ou estardalhaço, Jesus e os doze apóstolos saltaram de sua moldura. Um suor frio correu pela minha testa.

Sorridentes, os treze convocaram uma corte e me prenderam em uma estrela escura. Após horas, cuja quantidade não saberia precisar, eles me condenaram ao enforcamento, com a anuência de Cristo e sem direito à defesa. Cristo deixou-me mudo durante o julgamento. Era um tribunal de exceção. Não proferiram minha acusação, mas eu sabia exatamente qual era. Fui incapaz de me defender. Não era um auto.

Suspenderam, então, uma corda numa viga de madeira que atravessava o teto da sala e, enquanto João colocava carinhosamente a corda em meu pescoço, eu ouvia o chicote da Verdade estalando na minha porta com tanta violência que a madeira começou a ceder. Definitivamente não era qualquer chicote. Era a Verdade que arrombava a minha morada. O Peixe Aflito queria entrar e ver com seus próprios olhos a Justiça. Em seu assomo violento, entrou terminando de quebrar a porta aos murros, enquanto o sangue quente dos seus punhos regava o piso frio da minha casa. Era a brutalidade ela mesma.

Subi ao cadafalso mágico do Carpinteiro enquanto todos regozijavam em êxtase profano. Um cheiro de vinho tinto rondou toda a casa; minha adega havia sido esvaziada. Ladrões?!

Em velocidade inequívoca, perdi o apoio dos meus pés, meu pescoço quebrou e meu corpo murchou como um girassol sem norte sob o ranger da corda. Naquela noite, a Verdade se alimentou de mim, carcomeu os meus ossos na fila do açougue. De barriga cheia e com a consciência liberta de qualquer luz ou abismo, eu balancei serenamente a noite inteira abraçado à vastidão do nada e o único céu era o da minha boca, rasgado pelo anzol.



Volume 4

Lançado em abril de 1963, o quarto volume da *Estudos Universitários: revista de cultura* da Universidade do Recife (UR) refere-se aos meses de abril a junho. Nesta quarta edição, o diretor da revista era o Reitor Prof. João Alfredo Gonçalves da Costa Lima; o secretário era o Prof. Luiz Costa Lima; e o projeto gráfico e a capa foram de autoria de Orlando da Costa Ferreira. O volume apresenta ensaios de: Paulo Freire; Jarbas Maciel; Jomard Muniz de Britto; Aurenice Cardoso; Abdias Moura; Pierre Furter; Juracy Andrade; e Pilar Gómez Bedate. Estudos de: Alfredo Guevara; e Luiz Costa Lima. E resenhas de: Nelson Nogueira Saldanha; Francisco Austerliano Bandeira de Mello; Marcius Frederico Cortez; Jomard Muniz de Britto; Sten Bjorild; e Afonso Ávila.